

O AMÉRICA FUTEBOL CLUBE (MG) E O PROFISSIONALISMO: O MITO DA RESISTÊNCIA VERMELHA (1933-1943)

Sarah Teixeira Soutto Mayor¹
Sílvio Ricardo da Silva²

Resumo: O artigo objetiva analisar a construção do que denominamos de “mito da resistência vermelha”, que desencadeou na veiculação da versão que atribui à mudança de cores da camisa do América Futebol Clube (MG) uma ação de protesto à implantação do regime profissional em Minas Gerais, no ano de 1933. Investigamos, especialmente em fontes periódicas, indícios sobre a adoção da cor rubra pelo clube e sua manutenção até o ano de 1943, momento em que o América volta a trajar seu antigo uniforme alviverde. Constatamos explicações diferentes das difundidas atualmente pelo próprio clube e intentamos, assim, desconstruir a versão original do protesto.

Palavras-chave: Futebol; História; Amadorismo; Profissionalismo

América Futebol Clube (MG) and professionalism: the myth of red resistance (1933-1943)

Abstract: The article aims to analyze the construction of what we call the “myth of the red resistance”, which initiate the version that attributes the change of colors of the shirt of América Futebol Clube (MG) to a protest action against the newly implanted regime professional, in 1933. We investigated, especially in periodic sources, evidence of the club's adoption of the color red and its permanence until 1943, a time when América returned to wear green and red uniform. We found different explanations from those currently disseminated by the club itself and, therefore, we tried to deconstruct the original version of the protest.

Keywords: Soccer; History; Amateurism; Professionalism

Introdução

O América Futebol Clube possui uma história peculiar em sua trajetória no futebol da cidade de Belo Horizonte. Em agosto de 1933, alguns meses após a adoção do profissionalismo no estado de Minas Gerais, o clube que nasceu alviverde, em 1912, resolveu alterar as cores de seu uniforme para vermelho e branco, assim se mantendo por dez anos.

No ano de seu centenário, em uma iniciativa de marketing, o clube adotou novamente a camisa vermelha em uma tiragem comemorativa, com a justificativa de que sua primeira existência na história da agremiação deu-se por uma ação deliberada de protesto contra o profissionalismo. Recentemente,

¹ Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, Campus Governador Valadares. E-mail: sarahsoutto@gmail.com.

² Professor do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: prof.srs@gmail.com.

em 2019, o América lançou um novo modelo alvirrubro, mantendo a mesma versão, que pode ser localizada em sua página oficial, na enciclopédia do clube (PAIVA, 2012) e em *sites* de veículos de imprensa³, que replicaram a informação.

A recorrência dessa versão guarda relações intrínsecas com as representações construídas no decorrer da história da referida agremiação, sobretudo no que tange às características de sua formação inicial e às especificidades de criação da própria cidade de Belo Horizonte, no final do século XIX, em um contexto em que se entremearam política, economia, vida acadêmica e futebol. Alguns dos fundadores do clube eram filhos de políticos importantes e de pessoas que detinham significativo poderio econômico, compondo o que os periódicos não cansavam de mencionar como a elite da cidade de Belo Horizonte. Essa referência valorativa conferida ao América esteve presente em praticamente todos os impressos pesquisados, compondo um discurso comum e reiteradamente veiculado. Em sua história recente, o clube ainda é reconhecido na cidade como aristocrático, representação que justificaria certo orgulho em manter a versão de recusa ao profissionalismo em sua trajetória, já que defender o amadorismo implicaria também defender um ideal de esporte puro e distintivo.

O desvelamento do que chamamos de “mito da resistência vermelha” é o objetivo desse artigo, que visa apresentar e analisar fontes que possibilitem a compreensão tanto da construção da versão defendida oficialmente pelo clube quanto de outras possibilidades de interpretação dos motivos que induziram à mudança processada, que desconstruem o usualmente difundido na atualidade. Nessa perspectiva, o texto se desdobra em três momentos: o primeiro apresenta a construção da representação do América como clube de elite; o segundo aborda as dificuldades que enfrentou no período pesquisado

³ Podem ser destacados os seguintes sites: *Lance* (<https://www.lance.com.br/america-mineiro/america-lanca-camisa-numero-retro-cor-vermelha.html>); *Globo Esporte* (<https://globoesporte.globo.com/futebol/times/america-mg/noticia/na-cor-vermelha-e-com-escudo-retro-america-mg-apresenta-seu-terceiro-uniforme-para-2019.ghtml>); *Uai* (https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/america-mg/2019/11/01/noticia_america_mg,2937859/com-novidade-no-escudo-america-lanca-terceiro-uniforme-para-temporada.shtml); e *O tempo* (<https://www.otempo.com.br/superfc/am%C3%A9rica/america-lanca-terceiro-uniforme-em-tom-vermelho-e-com-escudo-retro-1.2256764>). Acesso em: 01-06-2020.

e a posterior ação de mudança do uniforme, que culminou na construção do “mito da resistência vermelha”; e, por fim, o terceiro propõe a desconstrução do mito.

Para tanto, o estudo foi realizado, especialmente, por meio da seleção e análise de reportagens de jornais e revistas que circularam no período proposto (1933-1943), publicadas, sobretudo, na cidade de Belo Horizonte, e que explicitaram momentos relevantes da trajetória do clube para a compreensão do objeto em questão. Também foram consultados outros documentos, como o Estatuto do América, do ano de 1937, e o registro filmico da reinauguração de um dos seus estádios, do ano de 1948.

A construção da representação de clube de elite: o primeiro passo para a idealização do mito da resistência vermelha

A recorrente menção à composição do América como pertencente à elite da cidade de Belo Horizonte requer uma contextualização. O clube se destacava pela forte inserção no meio político e pela condição econômica de seus componentes. Pertencer à elite representava fazer parte de um pequeno grupo que detinha um poderio representativo na gestão, na ocupação e na vivência da cidade. Nesse caso, é importante que a menção à elite tenha relação com um contexto histórico específico, pois cada período comporta características singulares e estabelece seus próprios critérios de pertencimento a lugares de distinção que não existem a priori.

Grafado inicialmente como *America Foot-ball Club*, a agremiação foi fundada em 30 de abril de 1912, por iniciativa de um grupo de crianças e adolescentes que acompanhava a prática crescente do futebol na cidade. A característica aristocrática do clube, balizadora dos argumentos que alimentam a versão do protesto ao profissionalismo, foi assim descrita pelo jornalista Plínio Barreto (1976, p.2): “Era o América o clube de gente rica, da alta sociedade da então Belo-Horizonte de pouco mais de 100 mil habitantes”. A recém-criada capital do estado mineiro, datada do ano de 1897, mantinha fortes resquícios da rígida estrutura hierárquica do período imperial. A nascente república não havia modificado significativamente os sistemas de poder, que permaneciam concentrados em pequenos grupos.

Diversos eram os domínios que conformavam acentuadas distinções: econômico, político, geográfico, arquitetônico, acadêmico e cultural, por exemplo. O memorialista Pedro Nava oferece uma pista das hierarquias presentes em Belo Horizonte na década de 1910, por meio da estrutura das casas. Estas eram classificadas em “A”, “B”, “C”, “D” e “E”: “[...] as castas tinham sido demarcadas duramente pelo número de janelas das fachadas das casas [...]. Dos intocáveis dos pardieiros A aos desembargadores dos palacetes F de inumeráveis janelas”. Dizia o autor: “Sem mistura, cada um no seu lugar, lê com lê e cré com cré. E tendo a cota de ar e sol que lhe cabia por uma janela, duas janelas, três, quatro, cinco janelas. Janelas, janelas, janelas...” (NAVA, 2012, p.152).

A formação das primeiras equipes de futebol de Belo Horizonte era parte indissociável deste contexto e, inseridos nele, os clubes também se configuravam como lugar privilegiado de um grupo restrito. Era a época da vivência esportiva como *status* e como forma de se preparar, física e moralmente, os filhos da alta sociedade. O poderio formativo do futebol não foi consensual, mas se estabeleceu de forma suficientemente abrangente entre a elite de Belo Horizonte.

A fundação do Gymnasio Anglo-Mineiro, no ano de 1914, é um exemplo fértil. Pedro Nava (2012, p.153) narra as expectativas das “figuras importantíssimas de Belo Horizonte” em dotar a cidade de “uma instituição moderna para nela matricularem seus meninos”. Uma das maiores propagandas da escola era a prática de esportes, principalmente do futebol. A escola foi fundada e dirigida por ingleses e sua estrutura curricular seguia o modelo daquele país.

A constituição do América se distinguia por alguns caracteres específicos. Dois de seus fundadores, Affonso Silviano Brandão e Francisco Bueno Brandão Filho eram pertencentes a uma importante família de políticos mineiros. O primeiro era filho de Francisco Silviano Brandão, que havia sido presidente de Minas Gerais entre os anos de 1898 e 1902. Estadista que, segundo Carvalho (2005, p.63) “conseguiu implantar a hegemonia da nova política, usando como instrumento de ação o recém-criado Partido Republicano Mineiro”. Já o segundo, também parente de Silviano Brandão,

era filho de Júlio Bueno Brandão, presidente do estado entre os anos de 1910 e 1914, momento que coincide com a criação do América. Ainda, vale ressaltar que entre 1909 e 1910 outro Brandão foi prefeito da cidade de Belo Horizonte. Filho de Francisco Silviano Brandão, Benjamin Franklin Brandão era também irmão de Affonso Silviano Brandão⁴.

Couto (2003, p.98) ressalta que antes de possuírem campo próprio, era comum os garotos do América treinarem no campo do Atlético e em outros terrenos da cidade, afinal, “quem iria barrar o filho do governador”? O memorialista Abílio Barreto menciona a compra da primeira bola de couro com a ajuda do então presidente do Estado, Bueno Brandão⁵.

Esta rede de relações também era composta por outros personagens de renome da rústica capital, como Otacílio Negrão de Lima. Em um documento estatutário do clube, de 1937, consta a sua importância: “Por ser o sócio n.1 do AMERICA e em atenção aos serviços excepcionais prestados ao mesmo, é conferido ao Dr. Octacílio Negrão de Lima o título de patrono”⁶. Pedro Nava (2012) menciona a família Negrão de Lima como uma das mais ricas da cidade. Otacílio seria, posteriormente, prefeito de Belo Horizonte por dois mandatos (de 1935 a 1938 e de 1947 a 1951).

O político também foi um dos idealizadores do Minas Tênis Clube, a principal praça de esportes do estado, inaugurada em 1937, e do Estádio Independência, inaugurado no ano de 1950. Especialmente em seu segundo período de governo, o prefeito forneceria relevantes auxílios ao América, contribuindo com a reformulação de seu antigo estádio (Alameda), que passou a ter o seu nome, o que evidencia, ainda mais, as estreitas relações entre ele e o clube. No vídeo que registrou a reinauguração do estádio, em 1948, tem-se a imagem do político americano no centro do campo, participando da cerimônia e dando o pontapé inicial da primeira partida do Torneio

⁴ Todos os fundadores do clube são mencionados nos Estatutos de 1937. São eles: Afonso Silviano Brandão, Alcides Meira, Aldemar de Meira, Alvaro Moreira da Cruz, Antonio Nunes, Augusto Pena, Aureliano Lopes de Magalhães, Cezar Gonçalves, Fioravante Labruna, Francisco Bueno Brandão, Gerson de Sales Coelho, Guilherme Halfeld, José Megale, Leonardo Gutierrez, Leon Roussoullières Filho, Lincoln Brandão, Oscar Gonçalves, Waldemar Jacob.

⁵ BARRETO, Abílio. Recordar é viver. Alterosa, fev. 1946, n.70, pp.110, 111, 127.

⁶ Estatutos do América Futebol Clube, 1937, p. 35. Acervo pessoal Mário Monteiro.

Quadrangular, disputado por América, Atlético Mineiro, São Paulo e Vasco da Gama⁷.

Outro indício importante para se pensar a representatividade do América àquele momento é a construção do seu primeiro estádio no ano de 1921, fato noticiado com entusiasmo pelo jornal *A Capital*, que enalteceu as características elegantes do clube:

[...] o glorioso America F.B.C., que pela quarta vez, conquista o honroso titulo de campeão mineiro, no correr deste anno, vae construir as suas archibancadas á avenida Paraopeba. O elegante pavilhão americano [...] vae ocupar todo o lado esquerdo do quarteirão da avenida e será dotado de todas as acomodações, de modo a tornar o “sport” mais procurado pelas commodidades que os jogadores e “afficionados” possam encontrar. Não seria licito negar-se que o “foot-ball” já se arraigou entre nós. [...] Si assim é, o America merece applausos por querer dotar a Capital de um confortavel “stadium” e ao disciplinado campeão não negaremos o nosso apoio, assim como aos demais clubs, que honram os “sports” entre nós⁸.

Para Souza Neto (2010), destacava-se a ordenação espacial do projeto arquitetônico do estádio, que contava, por exemplo, com salão nobre para reuniões da diretoria, salão para ginástica e bares. Outra pista oferecida pelo referido autor (2010, p.75) sobre a composição diferenciada do clube é a constatação de que o América seria o primeiro time da cidade “a estabelecer o seu próprio policiamento, uma espécie de segurança privada formada pelos próprios sócios e que, juntamente com a força policial pública e oficial, garantiria a boa ordem em seu estádio” (SOUZA NETO, 2010, p.75).

Outro dado referente à representação que vigorava sobre a composição da equipe encontra-se no jornal *Folha Esportiva*: “[...] o America é uma sociedade modelar, que faz o esport pelo esport. Composto de amadores e possuindo em seu quadro social o que a cidade tem de mais selecto [...]”⁹. Em outra publicação, dessa vez do *Diário Esportivo*, a torcida americana foi descrita como possuidora de “lenço de linho puro”¹⁰.

⁷ Vídeo da reinauguração oficial do Estádio Otacilio Negrão de Lima, 1948. Acervo Pessoal A.R.

⁸ O ESTADIUM do América F.B.C. *A Capital*. 18 de fev., 1921, p.2.

⁹ SALVE AMÉRICA! *Folha Esportiva*. 28 de abr. 1930, p.3.

¹⁰ FALE o leitor. *Diário Esportivo*. 20 de dez. 1945, n.22, p.8.

Neste contexto, a referência ao América como equipe da elite devia-se, sobremaneira, ao prestígio político e à situação econômica de seus sócios, aos empreendimentos que realizou (a construção de dois estádios e a reforma de um deles), às relações estabelecidas com governantes e à frequente presença da equipe e de seus integrantes na imprensa, mesmo nos momentos em que o América já não desfrutava de tanto prestígio dentro dos gramados. Durante a maior parte da existência do clube esta foi uma classificação muito mais simbólica do que, de fato, representativa da conformação da agremiação, que se alterou, sobremaneira, durante sua trajetória.

Do deca à decadência e a construção do “mito da resistência vermelha”

Após a sua fundação em 1912, o América experimentaria seus maiores feitos de sucesso entre os anos de 1916 a 1925, quando se consagrou decacampeão mineiro, vencendo todos os títulos estaduais de maneira consecutiva. Por esta razão, o clube era constantemente mencionado nos periódicos como o “Deca”, designação que permanece na atualidade por iniciativa do clube e de seus torcedores.

Entretanto, o sucesso sucumbiria rapidamente e o América só viria a conquistar novamente o título mineiro no ano de 1948. Nesse interstício, significativas mudanças na estrutura do futebol nacional aconteceram e, no plano interno do clube, muitos imbróglios se sucederam e reverberaram com frequência nas páginas dos jornais e das revistas. Dentre inúmeras crises anunciadas, envolvendo cisões com os clubes mineiros motivadas por conflitos de interesses, e problemas em seu próprio sistema organizacional, o anúncio do profissionalismo foi um fator impactante.

O América, inicialmente, não concordou com a adoção do regime profissional em Minas Gerais após a sua implantação na cidade do Rio de Janeiro, em janeiro de 1933. A diretoria americana argumentava em favor da manutenção do amadorismo, tendo em vista a realidade do futebol local e o que entendia como finalidade do esporte: “Não temos renda para profissionaes, não temos ardor pelo profissionalismo e por fim, não temos

necessidade de profissionaes”¹¹. A oposição americana persistiu até o último momento¹², quando definitivamente se anunciou o profissionalismo em Minas, em maio do mesmo ano, após a maior parte dos clubes e da imprensa esportiva sinalizarem em prol da mudança ao verificarem as altas rendas das partidas do futebol carioca.

Como exemplo, uma das reportagens do *Estado de Minas*, jornal que nos meses anteriores advogava contra a instauração do profissionalismo, estampou: “A primeira exibição de quadros profissionaes do Rio de Janeiro patenteou, de modo muito expressivo, as vantagens indisfarçáveis do novo regime do futebol carioca”¹³. A notícia se centrava na alta renda do jogo realizado entre os quadros do Vasco da Gama e do América, “a maior desses últimos tempos em partidas amistosas”. Segundo a publicação, o jogo ocorreu em um ambiente de destacada disciplina, que contou com o “entusiasmo do público”. O jogo de profissionais foi mencionado como uma “nova fase de progresso do esporte brasileiro”; “a inovação do nosso futebol”; a “victoria do profissionalismo no Brasil”. O texto ainda destacava: “[...] o povo compreendeu bem a finalidade com que surgiu a entidade profissional”¹⁴.

Após a efetiva adoção do profissionalismo em Minas Gerais, o América enfrentou graves problemas internos, como a destituição de membros da diretoria que se mantiveram contrários ao assentimento posterior do clube. O jornal *A Tribuna* publicou, em uma reportagem de agosto de 1933, a transcrição da carta de renúncia em que se explicitava os motivos de decisão:

[...] O regime, há pouco instaurado do profissionalismo no futebol sempre encontrou, da parte dos signatarios, a maior oposição provinda da suposição de que esse regime era impróprio ao nosso meio e que sua implantação seria a queda do futebol [...]. [...] Os abaixo assignados, [...] sem forças para levar o club ao lugar destacado que merece, vêm, por meio deste, depor em vossas mãos os mandatos que de vós mesmo receberam há tempos. [...] Isso é devido tão somente a nova ordem de coisas, á qual não nos queremos antepor¹⁵.

¹¹ COMO o presidente americano responde a Marcelo... Estado de Minas. 23 de fev. 1933, s.p.

¹² Para maiores detalhes sobre a discordância do América Futebol Clube e sobre os imbrólios gerados em torno da adoção do regime profissional em Minas Gerais, consultar os trabalhos de Moura (2010), Lage (2013) e Soutto Mayor (2017).

¹³ A VICTORIA do futebol remunerado. Estado de Minas. 05 de abr. 1933, p.8.

¹⁴ *Idem*.

¹⁵ PARA não se antepor á nova ordem de cousas. A Tribuna. 31 de agost. 1933, n.118, p.5.

Em 1933 o América completaria oito anos sem vencer nenhum campeonato estadual. Para a revista *América*, a “brusca passagem do simples amadorismo para o puro profissionalismo”¹⁶ impactou sobremaneira o clube. A sua resistência inicial teria sido posteriormente sentida como reflexo da má adaptação aos novos tempos do futebol.

A passagem rápida, a mudança súbita de fórmulas e de normas de ação, a transformação radical nos processos e na existência mesma das organizações esportivas causaram um colapso também ao América, que se acostumara a viver no ambiente saneado do esporte de ‘puro amor’. Habitado a viver e a triunfar com jovens sem pretensões futebolísticas, com estudantes que queriam apenas se divertir, jogando, o clube sentiu uma fase de transição dolorosa. Essa etapa está sendo vencida. Está terminando¹⁷.

Para a reportagem, da mesma forma que os jogadores haviam sofrido com a transformação do “esporte gratuito para o esporte profissão”, também a administração do clube enfrentou problemas. A sua formação foi descrita como “eminentemente amadorista” e “seus princípios, pela mesma forma”. Os planos de ação não seriam diferentes: “Desse modo, o clube, que teria de viver num sistema profissional nascente, passou a se orientar por uma fórmula apagada do amadorismo, que desaparecia. Por muitos anos, esse foi o grande mal da Alameda”. Esse problema seria o responsável, segundo a revista, pelas “porcentagens maiores da jornada negativa dos derradeiros tempos”. Aos velhos dirigentes foi atribuída a culpa pela “adaptação do profissionalismo infantil ao amadorismo caduco”. Tal intento foi mencionado como uma infeliz iniciativa, já que o amadorismo “já terminava o seu ciclo de evolução e as próprias condições de vida relegavam o seu emprego”¹⁸.

Independentemente do nível de veracidade das informações do veículo que se prestava a ser a “voz dos americanos”, especialmente no que tange à suposta ingenuidade do clube no processo de transformação do futebol (que vale destacar, já havia se iniciado em momento bem anterior ao ano de 1933), pode-se perceber que a mudança de regimes causou desconfortos ao clube.

¹⁶ PEREIRA, Cipião Martins. Experiência revolucionária. *América*, nov. 1947, n.1, p.4,5

¹⁷ *Idem*.

¹⁸ *Ibidem*.

Outros motivos foram elencados repetidamente pelos impressos para justificar o baixo rendimento do América e estariam concentrados na influência perniciosa dos sócios do clube e, sobretudo, na displicência e na falta de “amor à camisa” dos jogadores. Exigência esta que se pautava, ainda, nos princípios do amadorismo. A cobrança de altos salários, a indisciplina e o descaso com o clube seriam frequentemente citados, a exemplo de outra reportagem publicada pelo jornal *A Tribuna*: “[...] Os jogadores americanos não gostam de treinos. Nem o chopp atrai a turma alvi-verde e por isso os componentes do quadro do clube de Clovis Pinto só jogam nos primeiros 20 minutos da pugna”¹⁹.

Diante desse cenário, a equipe iniciava a década de 1930 com muitos problemas e poucas conquistas, o que acirrava os ânimos de dirigentes e torcedores. Como a mudança de cores de seu uniforme se processou logo em 1933, ano de oficialização do profissionalismo em solo mineiro, a veiculação da versão que atesta que o protesto contra o regime foi o motivo da ruborização do clube, em uma tentativa deliberada de resistência ao novo formato do futebol, encontrou terreno fértil para sua posterior disseminação.

No *site* oficial do América, a justificativa para a mudança das cores assim se manifesta: “Inconformado com a implantação do profissionalismo, pois os americanos acreditavam que o futebol, assim como os demais esportes, deveria ser amador, o Clube passou a disputar suas partidas com a camisa vermelha, em sinal de protesto”²⁰. No livro “Minha paixão: América Futebol Clube, BH, o América Mineiro” (resumo da Enciclopédia do América), apresentado também como um produto oficial do clube, a mesma versão se observa:

O América se recusou a adotar o profissionalismo e para se evitar que ele abandonasse a Liga, foi concedido que o América disputasse o campeonato mineiro profissional com um time amador. Todos os atletas foram liberados e chamados torcedores para compor o time. Como protesto o América mudou suas cores para vermelho e branco, e permaneceu assim de 1933 a 1942 (PAIVA, 2011, p.21).

¹⁹ CAMPEONATO de profissionaes. *A Tribuna*. 09 de agost. 1933, n.100, p.5.

²⁰ Informação disponível em: <https://www.americamineiro.com.br/club/histories/>. Acesso em 01/06/2020.

No entanto, em nenhuma dessas informações citam-se as fontes pesquisadas. Outro fato interessante é que a própria revista *América*, que iniciou sua publicação no final da década de 1940 e dedicou várias reportagens sobre a história do clube, também não menciona o suposto protesto. Vale ressaltar, ainda, que a informação de que o América disputou o primeiro torneio profissional com um time amador, o que o autor do material bibliográfico supracitado aponta como adoção de um “sistema único no mundo” pelo clube, o “profissionalismo marrom” (PAIVA, 2011, p.21), em que supostamente os atletas assinavam como profissionais, mas sem remuneração, não se sustenta ao se analisar as reportagens publicadas à época. O clube, de fato, tentou essa manobra, mas não foi aceita pelos demais e se viu forçado a adotar o regime profissional logo no início (MOURA, 2010, LAGE, 2013, SOUTTO MAYOR, 2017).

Durante a investigação não foram encontrados documentos produzidos pelo clube²¹ que sinalizaram os motivos da mudança de cores do uniforme. Partimos, assim, para a leitura de reportagens publicadas no ano de 1933, a fim de apurar indícios sobre o momento em que se processa a alteração. Inicialmente nenhuma menção aos motivos foi encontrada. O jornal *Estado de Minas*, um dos principais impressos em circulação no período e que se dedicava com afinco ao futebol, dedicou apenas uma pequena nota para anunciar a mudança das cores do uniforme americano, em agosto de 1933.

O América Futebol Clube, ao que estamos informados, vae adoptar a cor vermelha para o seu pavilhão. Não mais alvi-verde a bandeira do querido gremio da av. Araguaya. Assim é que domingo próximo, por ocasião do jogo com o Palestra, os rapazes americanos se apresentarão de camisas rubras e calções brancos. A vista disso, os ‘muchachos’ do América passarão a chamar ‘rubros da avenida Araguaya’²².

Depois desse anúncio, o clube simplesmente passou a ser mencionado como: o “rubro”, o “*team* da jaqueta vermelha”, dentre outras denominações que atestavam a mudança.

²¹ O primeiro passo da pesquisa foi visitar a sede social do América, a fim de averiguar a possibilidade de consulta a fontes documentais produzidas e/ou salvaguardadas pelo clube. No entanto, fomos informados da inexistência de um acervo próprio.

²² O AMÉRICA adoptará a côr vermelha para o seu pavilhão. Estado de Minas, 09 de agost. 1933, n. 1568, p.8.

Em apenas um dos veículos pesquisados, o jornal *A Tribuna*, foram encontradas explicações para troca. O anúncio e as elucidações foram localizados a partir do final de julho de 1933. Esse periódico trouxe uma versão completamente diferente da considerada oficial e que nutre o imaginário sobre a camisa vermelha. De acordo com as suas reportagens, a mudança não teve relação com um protesto contra o profissionalismo. Na versão do impresso, a adoção da cor vermelha teve dois motivos principais, os quais serão destrinchados a seguir.

A alteração da cor do uniforme teria sido umas das tentativas do clube para se reerguer diante dos insucessos que vinha enfrentando, sobretudo no certame mineiro de 1933, em que chegou a ocupar o último lugar na tabela. Essa troca estaria relacionada a uma reestruturação, a um renascimento, a uma forma de afastar o azar que o rondava dentro de campo. A nova camisa seria um estímulo para o começo de uma nova fase.

Com a estreia da nova camisa rubra, domingo próximo, o America vae retomar o rumo da sua grandeza. Ao America, nestes últimos tempos, tem faltado chance e resistência. Na arrancada inicial das partidas, impõe-se aos adversários e chega a dar provas de uma superioridade irrefreável, fazendo antever um triunfo fácil. Depois, diminue o ímpeto. Afrouxa-se-lhe o folego e acaba perdendo. [...] Aquella equipe que era alvi-verde e agora vae ser rubra, ao que se diz e *A Tribuna* há tempos noticiou, dotada de folego, de um ajustamento firme de esforços, difficilmente sera vencida. [...] A nova camisa que vae ser estreiada domingo, a rubra camisa de todos os americanos do paiz, vae assignalar o surto glorioso do velho clube. Com ella e com outras medidas que estão sendo tomadas pela veterana agremiação, o America vae afinal retomar o caminho de sua grandeza²³.

A partir dessa publicação, o jornal passou a se referir ao clube, assim como o *Estado de Minas* e outros periódicos, como o “alvi-rubro”²⁴. Em outra reportagem, publicada poucos dias antes, explicava-se o porquê da adoção da cor vermelha, já que a tentativa de reestruturação do clube poderia abarcar outras possibilidades de uniforme. A reportagem intitulada “Uma nova bandeira que os americanos pensam em desfraldar” se iniciava contando a

²³ A REACÇÃO dos americanos no campeonato. *A Tribuna*. 11 de agost. 1933, n.102, p.5.

²⁴ O AMÉRICA vae domingo próximo a Sabará. *A Tribuna*. 17 de agost. 1933, n.107, p.5.

história do América do Rio de Janeiro e a escolha de seu uniforme vermelho: “Depois disso, foram fundados milhares de Americas por esse Brasil afora e o uniforme é... uniforme. Camisa rubra e calção branco”²⁵.

Só o de Bello Horizonte, o nosso, escapa á normalidade. Se não nos trae a memoria, no anno do centenario²⁶, diversos Americas sagraram-se campeões do seculo. O do Rio, o de Bello Horizonte, o do Pará e o do Paraná. No recenceamento de gloria, foi verificado que o clube mineiro fugia á uniformidade da cor. Os cariocas mandaram, então, um representante a Minas, com o fim exclusivo de convencer os nossos campeões do Centenario a adoptar a rubra cor americana, que, por si só, era um distinctivo universal. Essa medida não foi levada a effeito, porque um outro clube da nossa Capital, o Sete de Setembro, tinha esse uniforme registrado na extincta Liga Mineira e a cessão do seu direito ao mesmo, era impossivel. O gremio carioca desejava, ainda, obsequiar o seu homonymo das Montanhas, com onze uniformes completos, para o seu quadro. Agora, porém, os setesetembrinos extinguiram a sua secção de futebol. A bandeira rubra está, portanto, em disponibilidade. Não seria o momento dos americanos mineiros desfraldal-a, com garbo e gloria? Todo mundo sabe o que representa numa competição o destaque dos uniformes. São elles, por si sós, um motivo de entusiasmo para os jogadores e a torcida. A velha camisa americana, em que o verde nunca se vê, inexpressiva e incolor, escapa á natureza das coisas. Está a pedir compulsória. Estas sugestões nos foram feitas por um americano da velha guarda, o dr. Theophilo Santos que está disposto na batalha pela mudança das cores de seu clube. A TRIBUNA põe as suas columnas á disposição dos americanos, para debaterem a questão²⁷.

Assim, segundo a *Tribuna*, a mudança foi consequência de uma tentativa de renovação de ânimos com relação à possibilidade de retomada do sucesso de outrora. Versão semelhante é também mencionada por Plínio Barreto, jornalista belo-horizontino nascido na década de 1920. Em sua opinião, foi por “influência de superstição” que o América mudou as cores de sua camisa. Barreto (1976, p.118) relata que no momento de fundação do clube, em 1912, “seu uniforme era verde e branco, tanto que foi deca-campeão de 16 a 25 como alviverde”. No entanto, “bastou que fosse cumprido um longo

²⁵ UMA nova bandeira que os americanos pensam em desfraldar. A Tribuna. 30 de julho de 1933, n.93, p.5.

²⁶ O centenário em questão refere-se ao da Independência do Brasil.

²⁷ UMA nova bandeira que os americanos pensam em desfraldar. A Tribuna. 30 de julho de 1933, n.93, p.5.

tempo em que não ganhou títulos máximos, para que alguém botasse a boca no trombone” (BARRETO, 1976, p.118).

- É a camisa gente! Botaram mau olhar nas camisas. Praga de atleticano ou de palestrino. O jeito é mudar a cor das camisas... Muitos não quiseram aceitar a sugestão, recordando a circunstância de que a conquista do deca-campeonato se fizera com aquele mesmo uniforme. Havia, também, o respeito à tradição. Mas a vontade da maioria prevaleceu, composta por supersticiosos. Decidiu-se pela mudança da cor das camisas. Optou-se pela vermelha, lembrando-se, como detalhe, que o América do Rio usava camisas rubras. O América de Minas passou a ser, então, o clube rubro da Alameda (BARRETO, 1976, p.119).

A persistência dos problemas do clube mesmo após a troca de cores levou o jornal *A Tribuna*, inicialmente incentivador da mudança, a criticar a postura do time com o novo uniforme: “O America perdeu seu jogo de antehontem. [...]. A mudança de cor pareceu apenas ter transferido para a camisa o sangue da turma. E como não é a camisa que dá no coro, a medida foi inútil”²⁸. Dada a situação do clube, o jornal ainda se manifestou: “[...] Promette por um níquel de tostão nos pés de Santo Expedito. Promptifica-se a fazer pacto com o capeta, se ele aparecer”²⁹.

Outra reportagem criticava a decaída do futebol belo-horizontino frente ao profissionalismo e, mais uma vez, mencionava a inutilidade da mudança de cores do América.

Realmente, o futebol bello-horizontino só tem hoje expressão na majestade dos nossos estádios. Na pratica, não vale nada. É incolor, apesar dos clubes appellarem para a mudança das camisas, como a querer afastar uma ‘guigne’, que em bom vernáculo se traduz por insuficiencia. Força futebolística hoje se adquire com dinheiro e faro. [...] É que o advento do novo regimen não foi bem comprehendido. Ou não pode ser praticado o profissionalismo dentro do programma dos clubes, que, resultante da mera dedicação amadora, collide com os propósitos de um ganho mal merecido e peor pago. [...] O America debate-se numa crise de animo e de direcção technica, que a simples mudança de cor não resolveu³⁰.

²⁸ EM poucas linhas. *A Tribuna*. 05 de set. 1933, n.124, p.5.

²⁹ *Idem*.

³⁰ EM POUCAS linhas. *A Tribuna*. 22 de agost. 1933, n.111. p.5.

Em outro artigo, debochava-se da ideia de ser a antiga cor da camisa americana o motivo de azar. Neste caso, atribuía-se à construção da piscina do clube o início de sua derrocada, citando-se também o caso do Atlético que, segundo o jornal, havia começado a vacilar no futebol após a construção do seu tanque. A reportagem buscava outros culpados para a derrocada dos clubes da capital naquele ano, que assistiam, passo a passo, a conquista do título mineiro pelo Villa Nova, da cidade de Nova Lima. No caso do América, afirmava: “Ficou provado que não era a cor da camisa que dava azar ao clube. Talvez seja a piscina. Porque não a enchem de terra”?³¹

Desconstruindo o mito...

O jornal *A Tribuna* oferece, assim, outra versão para a mudança de cores do uniforme do América, com reportagens explicativas e que se repetiram por seguidas edições. Alguns fatos podem ajudar a avaliar a pertinência da versão de *A Tribuna*. Um deles se refere às próprias tensões que se gestaram com a implantação do profissionalismo em Minas Gerais. O América era um dos protagonistas dos imbrólios que se estabeleceram. Se, por uma ação de resistência, resolvesse trocar todo o seu uniforme naquele momento de embates seria bastante provável que tal mudança e o referido protesto fossem abordados pelos jornais. Como mencionado, o *Estado de Minas* apenas prestou-se a publicar uma pequena nota informativa sobre a troca de uniformes. Outro fato a ser considerado é que a implantação do profissionalismo em Minas se deu no final de maio 1933 e a alteração do uniforme do América ocorreu em princípios de agosto do mesmo ano. Nesse intervalo, de junho (quando se inicia o primeiro campeonato profissional) a agosto, o América se encontrava na disputa do torneio de profissionais normalmente, trajando seu velho uniforme alviverde.

As dificuldades do clube permeariam, com maior ou menor intensidade, quase a totalidade da década de 1940, refreando-se um pouco com a conquista do título mineiro de 1948 (o primeiro após a sequência do decacampeonato) e do Torneio Quadrangular, no mesmo ano.

³¹ EM POUCAS linhas. *A Tribuna*. 24 de agost.1933, n.113, p.5.

Em 1940 chegou-se a noticiar que o América iria abandonar o profissionalismo. O periódico carioca *Jornal dos Sports* estampou em uma de suas edições: “O América Mineiro extingue o quadro de profissionaes”!³² A reportagem mencionava os déficits do clube, resultantes da alta soma dispensada para contratação de jogadores e a insuficiente renda das partidas. O texto também indagava qual seria o destino dos atletas e em que momento o América, de fato, anunciaria oficialmente a sua decisão. Entretanto, poucos meses depois, o mesmo jornal anunciou a desistência do clube americano em abandonar o profissionalismo, em uma longa reportagem com esclarecimentos sobre o caso, noticiando um fato corrente na história do América, uma nova renúncia de sua atual diretoria:

[...] Causou surpresa e viva sensação a resolução do América em não abandonar mais o profissionalismo [...]. A junta governativa resolveu manter o football profissional, dentro do actual orçamento do clube; isto é, será creado um padrão de salários, declarando a junta que ella pretende restabelecer o América em sua verdadeira posição no ambiente sportivo nacional, honrando a confiança dos associados, do público e, sobretudo, fazendo jus ao inestimável auxilio que vem recebendo do governo do Estado³³.

Anos mais tarde, o *Diário Esportivo*, relembrou o fato, descreveu-o como “uma resolução [...] isolada, tomada em desespero e mal conduzida”³⁴. No entanto, o impresso seguia criticando o tratamento que os profissionais americanos recebiam pelo clube: “luvas elevadíssimas para as possibilidades do nosso ‘soccer’, ordenados rês e ‘bichos polpudos que lhes são ofertados, em ‘pendant’ com o ‘alisamento’ que recebem dos associados e ‘fans’”³⁵.

Sobre o retorno às cores verde e branca, ocorrida em 1943, as notícias são mais escassas ainda. O *Estado de Minas*, novamente, apenas informou que reapareceu a camisa alviverde, assim como o jornal *Folha de Minas*. As primeiras notícias localizadas em ambos os jornais datam do princípio de

³² O AMERICA Mineiro extingue o quadro de profissionaes. *Jornal dos Sports*, 25 de jun. 1940, n. 3334, p.1.

³³ RENUNCIOU a directoria do America Mineiro. *Jornal dos Sports*. 03 de agost. 1940, n. 3368, p.1

³⁴ O ABANDONO do profissionalismo pelo Atlético e pelo América. *Diário Esportivo*. 18 de out. 1945, n.13, p.4.

³⁵ *Idem*.

maio. Nesse caso, a pouca importância conferida pelos periódicos à nova mudança de cores também pode ser um elemento enfraquecedor da versão do protesto. Sobre o retorno ao uniforme verde e branco pode-se pensar numa tentativa semelhante à de 1933: a de restabelecer o clube, mas dessa vez com o retorno à tradição de suas cores. Uma das hipóteses é a ascensão de Sandoval de Castro à presidência, considerado um “americano da velha guarda”³⁶.

Na busca de compreensões sobre a ação protagonizada pelo América algumas interpretações emergiram. A resistência pode ter se configurado, na verdade, como uma acomodação, uma forma de adaptação ao mercado profissional que se instaurava, mesmo que de forma simbólica, caso a troca de camisa tenha sido mesmo uma maneira de propor uma reestruturação que fosse capaz de alavancar o rendimento da equipe. Depois, têm-se um possível retorno à tradição, à camisa alviverde, ao uniforme representativo da conquista do deca. E assim, emergia uma nova esperança de soerguimento do clube.

Embora em um primeiro momento o América tenha se manifestado contrário ao profissionalismo, a adesão rápida do clube americano ao futebol profissional pode, efetivamente, ser comprovada em diversas reportagens publicadas em jornais e revistas das décadas de 1930 e 1940, incluindo a própria revista *América*. Mesmo que este periódico tenha publicado uma série de reportagens relacionando o insuficiente desempenho da equipe à má adaptação ao profissionalismo, demonstrou, em várias passagens, a adesão do clube ao regime profissional logo no início de sua implantação. Inclusive, a revista chegou a mencionar (por meio de uma afirmativa um tanto equivocada) que o América havia sido o primeiro clube “a adotar no país o profissionalismo, quando formou um dos mais famosos quadros dos campos nacionais em 1924”³⁷.

Ainda que a informação seja inverídica, auxilia a pensar nas relações que o clube construiu com o regime profissional e a desconstruir o purismo amador atribuído ao clube considerado da elite, revelando outras facetas,

³⁶ A GRANDEZA do América é o único pensamento. Estado de Minas. 30 de mai. 1942, p.6.

³⁷ O QUE nem todos sabem. América. Jul/agost.1948, n.3, p.8.

como as que Lage (2013) sinalizou. Para o autor, o América foi um dos partícipes do amadorismo marrom em Belo Horizonte, fato que pode ser inferido pelas transações de jogadores e pela oferta de benefícios proposta pelo clube em momento anterior ao profissionalismo, sobretudo a atletas do interior.

Por meio das fontes consultadas pode-se inferir que o América participou do regime profissional logo no momento de sua implantação, apesar de ter oferecido resistências iniciais. Após os imbróglios, participou efetivamente do “jogo”, contratando jogadores caros, técnicos estrangeiros, reformando o estádio, dentre outras situações. A questão crucial demonstrada pelos periódicos é que a equipe parece não ter se adaptado às novas exigências e conformações do regime, o que resultou em problemas administrativos e relacionais, envolvendo jogadores e sócios do clube. Nesse caso, pode-se inferir que o América não decaiu porque recusou o profissionalismo; ao contrário, o vivenciou até o limite, mais do que as condições estruturais do clube poderiam comportar. Outro fator de relevância é que o descenso do clube se inicia em momento anterior à implantação do profissionalismo. De 1926 a 1932 o América também não havia conquistado nenhum título.

Se aceita a hipótese de que o América participava do amadorismo marrom, a recusa ao profissionalismo pode estar atrelada a finalidades muito diferentes das até então difundidas. Uma das possibilidades interpretativas reside em um receio do clube de perder seu poderio com a legalização do regime, já que ele poderia ser um grande beneficiário das negociações às escuras, devido à sua influência no meio futebolístico da cidade e do estado. Fator esse que pode, inclusive, ter sido relevantemente decisivo na conquista do decacampeonato. No entanto, por carecerem ainda de maiores investigações, tais assertivas se encontram momentaneamente no plano das inferências.

A representação de clube de elite construída no decorrer da história do América Futebol Clube, alimentada pelos seus integrantes e pelas relações que estabeleceram com o meio social belo-horizontino, é um elemento facilitador da versão de protesto ao profissionalismo, já que a adoção do regime foi eivada de conflitos e desconfianças sobre os rumos do esporte e de

suas finalidades educativas. No entanto, embora a característica aristocrática tenha sido bastante ressaltada nas fontes consultadas, o que auxilia na compreensão da representação atual do clube e de suas próprias estratégias de marketing, esta não parece ter sido suficiente para sustentar um protesto ao regime profissional e alterar as cores do clube em prol do ideal amador.

Considerações finais

Diante das fontes apresentadas é possível inferir que a mudança nas cores do uniforme do América Futebol Clube não foi realizada em razão de um protesto contra o regime profissional, ainda que o clube tenha apresentado dificuldades de adaptação ao novo regime.

A investigação indicou que a troca de cores foi apenas mais uma das inúmeras medidas pensadas para se reconstruir o clube, decisão que ainda contava com um suposto desejo de se igualar aos demais “Américas” do país. Não foram encontrados indícios que sugerem qualquer forma de protesto empregado pelo clube materializado na mudança do uniforme.

O entendimento e a veiculação da ideia de que o clube surgiu e se manteve como representante da elite belo-horizontina é fator crucial para se compreender a fácil aceitação atual da versão do protesto, já que esta se sustenta como uma espécie de resistência aos valores mercantis do jogo e, não à toa, à estrutura na qual o clube não conseguiu lograr sucesso. Ainda que a simbologia do status da prática amadora não tenha o mesmo sentido na atualidade, sua manutenção ainda cumpre um papel de diferenciação para o clube e sua torcida, que projetam no “mito da resistência vermelha” uma releitura atual da distinção de outrora.

Muitas são as especificidades do futebol belo-horizontino que necessitam ser descortinadas. A história do uniforme americano é apenas uma delas. Para o caso particular desta pesquisa pode-se dizer que o contexto de coexistência entre os regimes amador e profissional carece de maiores investimentos para que outros olhares, que ultrapassem o momento de adoção do profissionalismo, possam trazer outros dados e, com eles, novas interpretações.

E assim, histórias já enraizadas e cristalizadas no imaginário futebolístico podem ser desconstruídas e reconstruídas. O “mito da resistência vermelha” é uma delas.

Fontes

ACERVO Pessoal A.R. *Vídeo da inauguração oficial do Estádio Otacílio Negrão de Lima*, 1948.

ACERVO Pessoal Mário Monteiro. *Estatutos do América Futebol Clube*, 1937.
A GRANDEZA do América é o único pensamento. *Estado de Minas*. 30 de mai. 1942, p.6.

A REACÇÃO dos americanos no campeonato. *A Tribuna*. 11 de agost. 1933, n.102, p.5.

A VICTORIA do futebol remunerado. *Estado de Minas*. 05 de abr. 1933, p.8.
BARRETO, Abílio. Recordar é viver. *Alterosa*, fev. 1946, n.70, pp.110, 111, 127.

CAMPEONATO de profissionaes. *A Tribuna*. 09 de agost. 1933, n.100, p.5.
COMO o presidente americano responde a Marcelo... *Estado de Minas*. 23 de fev. 1933, s.p.

EM poucas linhas. *A Tribuna*. 05 de set. 1933, n.124, p.5.

EM POUCAS linhas. *A Tribuna*. 22 de agost. 1933, n.111. p.5.

EM POUCAS linhas. *A Tribuna*. 24 de agost.1933, n.113, p.5.

FALE o leitor. *Diário Esportivo*. 20 de dez. 1945, n.22, p.8.

PARA não se antepor a nova ordem de cousas. *A Tribuna*. 31 de agost. 1933, n.118, p.5.

PEREIRA, Cipião Martins. Experiência revolucionária. *América*, nov. 1947, n.1, p.4,5.

O AMÉRICA adoptará a côr vermelha para o seu pavilhão. *Estado de Minas*, 09 de agost. 1933, n. 1568, p.8.

O AMERICA Mineiro extingue o quadro de profissionaes. *Jornal dos Sports*, 25 de jun. 1940, n. 3334, p.1.

O ABANDONO do profissionalismo pelo Atlético e pelo América. *Diário Esportivo*. 18 de out. 1945, n.13, p.4.

O ESTADIUM do América F.B.C. *A Capital*. 18 de fev., 1921, p.2.

O QUE nem todos sabem. *América*. Jul/agost.1948, n.3, p.8.

RENUNCIOU a directoria do America Mineiro. *Jornal dos Sports*. 03 de agost. 1940, n. 3368, p.1.

SALVE AMÉRICA! *Folha Esportiva*. 28 de abr. 1930, p.3.

Referências bibliográficas

BARRETO, Plínio. Futebol. *No embalo da nostalgia*. Belo Horizonte: Santa Edwiges, 1976.

CARVALHO, José Murilo de. *Ouro, terra e ferro: vozes de Minas*. In: GOMES, Ângela de Castro. *Minas e os fundamentos do Brasil moderno*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, pp. 55-78.

COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*. Dissertação [Mestrado em Ciências Sociais]. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

LAGE, Marcus Vinícius Costa. *Deixem em paz os nossos cracks: análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais*. Dissertação [Mestrado em Ciências Sociais], Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, PUC, Belo Horizonte, 2013.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. *O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930*. Dissertação [Mestrado em Lazer], Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

NAVA, Pedro. *Balão Cativo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PAIVA, Carlos. *Minha paixão*. América Futebol Clube, BH. O América Mineiro. Belo Horizonte: Alicerce, 2011.

_____. *Enciclopédia do América MG*. Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão. A história do América Futebol Clube, de Belo Horizonte 1912-2012. Ed. especial do centenário. Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. *O futebol na cidade de Belo Horizonte: o amadorismo e o profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940*. [Doutorado em Estudos do Lazer], Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2017.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *A invenção do torcer em Bello Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*. Dissertação [Mestrado

em Lazer], Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

Recebido em 06 de julho de 2020
Aprovado em 18 de outubro de 2020